

Impressão digital: relato de experiência de ensino do piano para crianças durante a pandemia de Covid-19

GTE 01 – A pedagogia do piano em perspectiva: dimensões reflexivas e práticas

Comunicação

*Izabela da Cunha Pavan Alvim
UEMG/ECOS Centro Musical
izabela.alvim@uemg.br*

Resumo: Este trabalho apresenta um relato de experiência de ensino remoto do piano para crianças a partir de três anos de idade, no período de março de 2020 a julho de 2021, em uma escola livre de música. O objetivo é discutir os impactos da pandemia de Covid-19 no ensino-aprendizagem do piano para crianças. As perguntas que nortearam este trabalho foram: quais os desafios vivenciados e estratégias adotadas na transição do sistema presencial para o remoto? Quais as limitações e potencialidades observadas em relação ao uso de TDIC nas aulas individuais e coletivas de piano para crianças? Quais habilidades foram desenvolvidas nesse período? Para responder essas questões, a abordagem qualitativa foi utilizada, pela qual é apresentada uma narrativa (auto)biográfica (NÓVOA; FINGER, 2014) escrita a partir da memória de fatos vividos, de registros escritos ou audiovisuais das aulas e de mensagens trocadas com pais de alunos e outros professores nesse período. Verificou-se que, apesar de todos os desafios enfrentados na transição repentina ao sistema remoto e das limitações desse formato, a experiência proporcionou: manutenção do vínculo com os alunos; continuidade de seu desenvolvimento musical; autoavaliação da professora; experimentação de novas estratégias de ensino e materiais didáticos; promoção da autoconsciência e consequente aprimoramento da performance musical tanto da professora quanto dos alunos, a partir do uso consciente das TDIC; maior engajamento e participação dos pais no processo de ensino-aprendizagem musical; maior interação com outros professores por meio de comunidades virtuais; novas formas de vivenciar e compartilhar a música.

Palavras-chave: ensino remoto; pedagogia do piano; método Suzuki.

Introdução

O início de 2020 foi marcado pela rápida disseminação pelo mundo de uma doença viral para a qual faltavam tratamentos e sobravam dúvidas, insegurança e medo. A situação pandêmica da Covid-19 (*Coronavirus disease- 2019*), foi declarada pela Organização Mundial

de Saúde em 11 de março de 2020 e causou um forte impacto na rotina de grande parte da população brasileira.

Com o objetivo de conter a disseminação do vírus, medidas restritivas, que incluíam o distanciamento social e protocolos sanitários, passaram a ser implementadas no Brasil, a partir de decretos municipais ou estaduais. Em Belo Horizonte, após o Decreto Nº 17.304, todo o tipo de atividade comercial considerada como não-essencial foi suspensa a partir de 18 de março de 2020. A resposta de instituições da área da Educação Musical para essa situação variou entre a suspensão total das atividades por prazo indeterminado ou a implementação brusca de um novo sistema de ensino como alternativa para a continuidade das aulas.

Por lecionar em duas instituições diferentes, em uma escola de música de nível superior e em uma escola de música livre, vivenciei as duas situações. No caso da escola livre, a decisão foi de implementar o sistema remoto emergencial imediatamente, como forma de manter o vínculo com os alunos e ao mesmo tempo resguardar a saúde de todos. Foi assim que, em 16 de março de 2020 iniciou-se minha experiência com o ensino remoto síncrono.

Esse artigo apresenta minhas reflexões acerca do ensino remoto do piano para crianças a partir de três anos de idade, no período de março de 2020 a julho de 2021, em uma escola de música livre. O objetivo é discutir os impactos da pandemia sobre o ensino-aprendizagem do piano para crianças. As perguntas que nortearam este trabalho foram: quais os desafios vivenciados e estratégias adotadas na transição do sistema de aulas presencial para o remoto? Quais as limitações e potencialidades observadas em relação ao uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) nas aulas individuais e coletivas de piano para crianças? Quais habilidades foram desenvolvidas por mim e pelos meus alunos nesse período? Para responder essas questões, a abordagem qualitativa foi utilizada, onde apresento, por meio do método (auto)biográfico (NÓVOA; FINGER, 2014), uma narrativa escrita a partir da memória de fatos vividos e de dados coletados em registros das escritas e audiovisuais das aulas e de mensagens trocadas com outros professores e pais de alunos nesse período.

Montanari (2019, p. 42) esclarece que as narrativas autobiográficas enriquecem reflexões originadas de memórias de fatos vividos pelo professor que impulsionaram uma ressignificação de sua prática. Segundo Frison e Simão (2011, p. 198), "a pessoa ao narrar,

narra-se e, ao fazê-lo ressignifica experiências, vivências, aprendizagens dando-lhe novo significado". Para Ferrarroti:

Todas as narrações autobiográficas relatam, segundo um corte horizontal ou vertical, uma práxis humana. [...] Uma vida é uma práxis que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais) interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua atividade desestruturante-reestruturante. Toda a vida humana se revela, até nos seus aspectos menos generalizáveis, como síntese vertical de uma história social. Todo o comportamento ou ato individual nos parece, até nas formas mais únicas, a síntese horizontal de uma estrutura social (FERRARROTI, 2014, p.41).

Com o objetivo de contribuir com as discussões da área da Educação Musical sobre os impactos da pandemia e do uso de TDIC sobre o ensino-aprendizagem musical, apresento, portanto, minhas reflexões sobre o ensino do piano para crianças durante esse período. O relato será apresentado em três seções: (1) vivências prévias com as TDIC; (2) transição para o sistema remoto emergencial; (3) dissolvendo fronteiras e agregando conhecimentos: o sistema híbrido e as comunidades virtuais.

1. Experiências prévias com as TDIC

Falar da minha experiência prévia com as TDIC é, antes de tudo, falar da minha própria história de vida. É reviver momentos significativos da construção da minha identidade como musicista, professora e pesquisadora.

Assim como várias outras pessoas da Geração Y¹, minha infância foi marcada por horas em companhia de jogos eletrônicos e desenhos animados na TV. Aos poucos, os computadores e a internet começaram a ficar mais acessíveis, a diversão ganhou espaço nas telas do computador onde passava horas interagindo com pessoas por meio de *chats online* e baixando músicas. Durante minha adolescência, telas menores passaram a fazer parte da minha vida, mediando minha interação com amigos e me entretendo com os jogos de celulares.

O início da minha vida adulta foi marcado pela chegada das redes sociais e pelo deslumbramento gerado pelo *Youtube*. Ao ingressar no curso superior, pouco a pouco, essas plataformas digitais foram se transformando em ferramentas de estudo e trabalho. Na

¹ A geração Y abarca pessoas nascidas entre 1981-1996. É também chamada de geração *Millennials*, ou geração de nativos digitais. Fonte: <<https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/01/17/where-millennials-end-and-generation-z-begins/>>. Acesso em: 17 de jul. de 2021.

universidade, conheci o *Moodle*, e fora dela, os *Massive Open Online Courses* (MOOC) e outros cursos *online* que se mostraram ricas oportunidades de formação continuada.

Observando que o *Youtube* tinha um grande potencial para a difusão de conhecimento musical e acreditando na importância da “ocupação” desses espaços virtuais por pessoas com formação superior, idealizei em 2016 o *Piano Mundi*, com objetivo de compartilhar conteúdos sobre a pedagogia do piano. Como primeiro projeto, fiz uma série de videoaulas sobre os *Palitos Chinos* de Violeta Gainza. Por ser um repertório que normalmente é ensinado a iniciantes por imitação, considerava-o apropriado para o formato audiovisual. Memorizar o repertório e estruturar sua apresentação, preparar o roteiro da filmagem, encontrar um posicionamento adequado para a câmera e microfones, usar programas de edição de vídeo, criar canal no *Youtube*, criar o blog e fazer divulgação nas redes sociais, foram os principais aprendizados daquele momento. Após esse primeiro projeto, produzi ainda outros vídeos e escrevi artigos para o blog. O canal do *Piano Mundi* no *Youtube* continua ativo, possuindo hoje cerca de 100 vídeos publicados e 3800 inscritos. A Figura 1 mostra um dos vídeos produzidos por mim neste período.

Figura 1- Videoaula da música Palitos de Calesita



Fonte: <<https://youtu.be/WoYDKU0bT8M>>. Acesso em: 17 de jul. de 2021.

Por meio das redes sociais fui conhecendo outras iniciativas, tais como o *Projeto Piano.Pérolas*, e blogs estrangeiros como o *Colorful Keys*, pelos quais tive acesso a novos repertórios e materiais didático-musicais. Somado a isso, nessa época, comecei a pesquisar sobre o uso da gamificação na educação (FADEL *et al.*, 2014), o que me propiciou uma nova perspectiva acerca do potencial das TDIC nas aulas de piano. A partir dali comecei a experimentar e a analisar aplicativos destinados ao ensino-aprendizagem do piano e da

música. Essa experiência culminou em um artigo, escrito colaborativamente com duas professoras (SOUZA *et al.*, 2016), onde compartilhamos nossas percepções iniciais sobre a inserção das TDIC nas aulas de piano para crianças.

Os aplicativos eram divertidos e geravam entusiasmo nos alunos, mas, passado o deslumbramento inicial, os percebi excessivamente visuais e musicalmente limitados. Senti também que, ao trazer as telas para dentro das aulas, eu estava diminuindo a oportunidade dos meus alunos terem uma vivência efetivamente musical ao piano. Somado a isso, em meados de 2016, tive a oportunidade de conhecer o Método Suzuki, o qual me gerou grande identificação e redirecionou minhas pesquisas e prática docente. A partir de 2017, este método passou a ser minha principal orientação pedagógica e se transformou no tema da minha pesquisa no doutorado². Devido a isso, reduzi a frequência com que eu usava as TDIC como ferramenta didática, especialmente nas aulas de piano para as crianças.

2. Transição para o sistema remoto emergencial

No início de 2020, após 3 anos de prática com o Método Suzuki, me sentia mais segura com relação ao ensino do piano para crianças. Até o momento no qual surgiu a pandemia, instaurando uma nova fase de inquietações e buscas.

Em março de 2020, com a adoção das primeiras medidas de distanciamento social em diversos países e a iminente possibilidade de fechamento das instituições de ensino no Brasil, começamos a pensar o que faríamos caso fosse necessário suspender as aulas presenciais da escola livre onde trabalhava. Pelas minhas experiências anteriores, considerava a educação à distância (EAD) como uma alternativa plausível, especialmente no caso de disciplinas teóricas destinadas a adolescentes e adultos. No entanto, tinha muitas ressalvas com relação à efetividade dessa modalidade para o ensino do piano para crianças.

Naquele momento eu atendia alunos de piano de 3 a 79 anos de idade. No caso das crianças, fazer a transição para o sistema remoto emergencial implicava em pelo menos duas questões. A primeira tinha relação à exposição a telas. Alguns pais de alunos com os quais eu trabalhava, seguiam as recomendações da OMS³, restringindo o uso de telas pelas crianças

² Doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais, com tese intitulada “Perspectivas sobre o ensino-aprendizagem do piano pelo Método Suzuki no Brasil”, sob orientação da Dra. Patrícia Furst Santiago.

³ Em abril de 2019 a OMS publica as “Diretrizes sobre atividade física, comportamento sedentário e sono para crianças com menos de 5 anos de idade”, documento onde consta, dentre outras recomendações, que crianças

em casa. Participar de aulas mediadas por telas, representava, portanto, uma quebra de paradigmas para algumas famílias. A segunda questão tinha relação com as dificuldades que eu enfrentaria para conseguir me comunicar efetivamente com as crianças por meio das telas. No ensino presencial, eu usava várias estratégias para conquistar a atenção, foco e motivação dos alunos e obter boa fluência das aulas. Já no ensino remoto, como as crianças estariam em suas casas, eu não teria nenhum controle sobre o ambiente delas e tinha muitas dúvidas se minhas estratégias continuariam funcionando.

No entanto, a ameaça causada pelo “novo coronavírus” era maior do que os preconceitos ou dúvidas com relação à EAD e, a pedido da mãe de uma aluna, dei em 16 de março de 2021 a minha primeira aula remota síncrona. Dois dias após essa primeira aula, foi publicado o decreto da prefeitura de Belo Horizonte, suspendendo o funcionamento de todos os estabelecimentos comerciais considerados não-essenciais, implicando, portanto, no fechamento da escola onde eu trabalhava. A escola decidiu migrar imediatamente para o sistema remoto síncrono por tempo indeterminado e passei a lecionar exclusivamente por esse formato.

Meu sentimento era ambíguo nessa transição do ensino presencial para o remoto, alternando entre o medo daquilo que estava por vir, com a euforia diante das novas possibilidades de ensino-aprendizagem que estavam se desvelando. O principal objetivo naquele momento era manter o contato com os alunos, mesmo que não fosse possível “ensinar” tanto. Eu acreditava que a música poderia ser um instrumento de conforto e esperança diante de tantas incertezas e angústias pelas quais estávamos passando. Achava que estava cumprindo uma nobre missão ao levar, por meio da música, alegria e esperança para meus alunos naquele momento. Mas, após alguns meses, vi que na verdade eram as crianças que estavam trazendo isso para mim. Nos dias mais angustiantes, era muito reconfortante iniciar a videochamada do Zoom e ser surpreendida pelos sorrisos das crianças, que vinham entusiasmadamente contar suas peripécias da semana, mostrar o dente de leite que havia caído ou a música nova que elas tinham conseguido aprender. Que sorte a minha ter tido a companhia delas nesse momento de tantas incertezas!

Nesse momento de adaptação, os desafios foram muitos. Mesmo que eu tivesse alguma experiência com o uso das TDIC, o sistema remoto síncrono me obrigou a desenvolver

de 3-4 anos não devem ser expostas a telas por um período diário superior a 1 hora (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2019, p.8).

novas habilidades repentinamente. Naquele momento foram muitas as dúvidas sobre quais ferramentas tecnológicas utilizar e como posicioná-las para as aulas, se meus alunos teriam a estrutura necessária para esse formato de aulas, como conciliar minha rotina *homeoffice* com a da minha família que precisará usar os mesmos recursos e espaços que eu. Para resolver essas questões foram necessárias muitas experimentações, pesquisas e conversas com colegas que estavam passando pelos mesmos desafios.

Vencidas as primeiras dificuldades na transição ao sistema remoto, questões de ordem pedagógica começaram a surgir: o que fazer com os alunos que não tinham instrumento em casa? Quais adequações no conteúdo e planejamento das aulas precisavam ser feitas para que as aulas fossem efetivas e interessantes para os alunos? Como orientar os pais de forma que eles conseguissem me auxiliar nas aulas?

Com relação aos alunos que não tinham um instrumento adequado em casa, minha primeira ação foi conversar com os pais, para que juntos encontrássemos a melhor solução. Como eu tinha experiência como professora de musicalização, propus que experimentássemos um outro enfoque nas aulas, aproveitando o corpo, a voz ou instrumentos musicais que eles tivessem em casa para que as crianças continuassem tendo aulas nesse período. Os pais aceitaram minha proposta e as aulas foram produtivas. Entretanto, com o passar das semanas, as crianças começaram a demonstrar frustração por não poderem tocar o instrumento que elas haviam escolhido estudar. Isso ocasionou a aquisição de novos instrumentos por três dos meus alunos no primeiro semestre de 2020, impulsionando sua prática musical. Além disso, as aulas remotas trouxeram a inédita possibilidade de conhecer a estrutura que os alunos tinham em casa para a prática musical, o que permitiu que eu orientasse mais precisamente como o banco, apoio dos pés e instrumento deveriam ser ajustados para cada criança.

Com relação ao conteúdo e planejamento das aulas individuais, inicialmente mudei bastante o enfoque das aulas em comparação ao que eu fazia nas aulas presenciais. Acreditava ser importante a inclusão de atividades que promovessem maior movimento corporal já que as crianças estavam com uma rotina mais sedentária. Recorri, portanto, a atividades musicais que abrangiam apreciação ativa, percussão corporal, entre outras atividades. No piano, optei por repertórios que pudessem ser ensinados a partir de uma abordagem visual, dentre eles os *Palitos Chinos* (GAINZA, 1987) e peças do *Amigos do Piano* (LAGE; RIBEIRO, 2019). Nesse momento, foram de grande valia os vídeos que eu havia produzido anteriormente para o

Piano Mundi. Temporariamente passei a utilizar menos o repertório Suzuki porque acreditava não ser possível trabalhar de forma remota as habilidades que esse repertório exigia. Posteriormente, com a ajuda dos pais, fomos descobrindo formas de trabalhar essas habilidades nas aulas remotas e, pouco a pouco, fui voltando o enfoque das aulas individuais a aspectos técnico-musicais mais específicos, deixando para as aulas coletivas os conteúdos musicais mais abrangentes.

Com relação aos pais dos alunos, como eles já tinham o hábito de estarem presentes nas aulas presenciais, sua participação nas aulas remotas foi algo natural. No entanto, especialmente no caso das crianças mais jovens, essa participação precisou tornar-se mais ativa. Eles se transformaram em meus assistentes, atuando como minhas mãos, olhos e ouvidos quando os recursos da plataforma de videochamada eram insuficientes. No entanto, a pandemia começou a impactar a saúde mental das famílias, especialmente de mães que conciliavam trabalho, afazeres domésticos e cuidados com os filhos. O final do primeiro semestre de 2020 foi o momento mais desgastante. Estávamos todos, pais, professores e alunos, visivelmente cansados de todo o esforço empreendido para que tudo continuasse funcionando, porém não havia perspectiva de melhora da situação que estávamos vivendo já que a pandemia se agravava no Brasil e ainda não havia vacina disponível.

Eu não havia perdido nenhum aluno até aquele momento. No entanto, em julho de 2020, a situação começou a mudar. Três alunas minhas decidiram parar de fazer as aulas, creio eu, devido às grandes dificuldades que suas famílias estavam enfrentando naquele momento. Isso foi algo desanimador para mim, especialmente porque eram alunas que estudavam comigo há anos. Houve, no entanto, um caso interessante em que, diante do esgotamento mental da mãe de uma aluna, o pai resolveu assumir a responsabilidade de acompanhar a criança nas aulas. Com sua presença calma e interessada, esse pai transformou-se num excelente “professor auxiliar” para mim e grande companheiro de jornada musical dessa criança.

Com o objetivo de trazer leveza e alegria para as aulas, uma estratégia adotada foi recorrer a ferramentas que eu já usava nas aulas presenciais, tais como adesivos e outros artifícios visuais, brinquedos e jogos, aproveitando o entusiasmo que normalmente as crianças apresentam diante desses elementos. O Brahms, um leãozinho de pelúcia que eu usava como “assistente” nas aulas presenciais, passou a ser companhia frequente nas minhas aulas remotas, e isso facilitou a comunicação com as crianças.

Uma situação angustiante vivenciada nas aulas remotas acontecia quando havia atrasos ou falhas na transmissão do áudio. Porém, com o passar dos meses, esses episódios tornaram-se menos frequentes, talvez devido ao investimento em melhores equipamentos e conexão de internet, tanto da minha parte quanto da parte dos alunos ou pelo aperfeiçoamento das próprias plataformas de videochamadas. Além disso, percebo que minha percepção se ampliou e aprendi a distinguir quando os atrasos no som eram gerados pelas TDIC ou por uma dificuldade técnico-musical do aluno.

O Método Suzuki foi um importante aliado neste momento. Devido à minha capacitação, eu conhecia muito bem o repertório que meus alunos estavam estudando, sabia os pontos que normalmente são mais desafiadores e tinha ferramentas para trabalhá-los. Da parte dos alunos, como eles ouvem com frequência gravações do repertório, eles tinham uma referência de como a música deveria soar e percebiam quando algo saía fora do esperado. Isso facilitou o aprendizado de novas músicas e refinamento de sua performance musical.

Outra experiência positiva deste período foi a realização de recitais *online*. Para isso, os alunos gravavam vídeos que, depois de sequenciados, eram disponibilizados no *Youtube*. Esses recitais foram recebidos com entusiasmo e alegria pelas famílias dos alunos. A gravação de vídeos, por ser um processo desafiador, proporcionou novos aprendizados para pais e alunos. Em busca de um resultado satisfatório, as crianças se sentiam estimuladas a praticar mais intensamente o repertório que iriam gravar. Isso fez com que, além de aprimorarem sua performance, elas compreendessem a importância da repetição e da perseverança para o alcance de bons resultados.

3- Dissolvendo fronteiras e agregando conhecimentos: o sistema híbrido e as comunidades virtuais

Em setembro de 2020 houve o primeiro decreto da prefeitura de Belo Horizonte, que possibilitou o retorno às aulas presenciais em escolas livres. A escola adotou os protocolos sanitários recomendados por autoridades de saúde, aprimorou seu sistema de internet e deixou para os alunos/pais a decisão de voltarem ou não ao sistema presencial. Enquanto a precaução fez com que algumas famílias preferissem aguardar uma situação mais segura para voltar ao sistema presencial, outras viram essa como uma oportunidade de reestabelecimento de sua saúde mental. A metade dos meus alunos voltou ao presencial e a outra metade preferiu manter-se no sistema remoto. Para mim, esse retorno ao presencial trouxe

sentimentos ambíguos. Apesar do medo da doença, poder rever alguns alunos presencialmente e tocar junto com eles foi uma injeção de esperança e alívio para mim.

Em janeiro de 2021 foi decretado um novo fechamento que durou até abril. Como em 2020 já havíamos vencido as principais dificuldades de transição do sistema presencial para o remoto, a alternância entre esses dois sistemas passou a ser encarado com maior naturalidade. Ao me sentir mais confortável com o uso das TDIC, passei a explorá-las de outras formas, resultando em novas oportunidades de ensino-aprendizagem. A maior facilidade para gravação das aulas, proporcionada pelas plataformas de videochamadas, fez com que esses registros se tornassem mais frequentes. Assistir a gravações das minhas próprias aulas foi um interessante exercício de autoavaliação e autoconhecimento. Somado a isso, a pesquisa pelo posicionamento ideal das câmeras para as aulas remotas, refletiu no aprimoramento da consciência corporal tanto minha quanto dos alunos. As telas passaram a atuar como espelhos pelos quais podíamos ver nossos gestos e postura corporal sob diferentes ângulos e a partir disso aprimorar nossa própria performance.

Observei também que o isolamento imposto pela pandemia incitou maior interatividade e colaboração entre professores. Talvez impulsionados pelo desejo de convívio social, somado à maior disponibilidade de tempo de professores diante da suspensão de algumas de suas atividades profissionais e à inquietação gerada pelos grandes desafios que estávamos enfrentando, iniciou-se uma intensa oferta de *lives*, cursos e webinários onde pudemos compartilhar experiências, nos sentindo menos sós, estimulando nossa criatividade e ampliando nosso conhecimento.

Essa integração entre professores possibilitou também que meus alunos participassem de eventos *online*, tais como *masterclasses* e o *Desafio Brasileiro de Piano Suzuki: 21 dias de prática*, que impactaram positivamente na qualidade, regularidade e frequência com a qual eles praticavam o piano. Além disso, nesses eventos, os pais dos alunos puderam interagir com outros pais e professores, aprendendo novas técnicas de como auxiliar as crianças nas aulas e na prática em casa. A Figura 2 mostra a participação de uma aluna de 6 anos de idade e seu pai durante uma *masterclass online* com a professora chilena Blancamaría Montecinos.

Figura 2- Aluna participando de *masterclass online* em janeiro de 2021



Fonte: acervo pessoal. Publicada sob autorização.

Seguindo os preceitos do Método Suzuki, além das aulas individuais, meus alunos participavam também de aulas coletivas semanais. A transição dessas aulas para o sistema remoto representou um desafio à parte já que as limitações das videochamadas impuseram o desenvolvimento de uma nova dinâmica de ensino. Para a primeira parte das aulas, adaptei atividades que eu conhecia previamente, extraídas de livros como o *Pianobrancando* (FONSECA; SANTIAGO, 2021) ou de aplicativos. Além disso, incorporei materiais que extraía da internet, tais como os jogos pedagógico-musicais da Nicola Cantan⁴, musicogramas e vídeos educativos disponíveis no *Youtube*. Na segunda parte da aula, fazíamos mini recitais onde os alunos compartilhavam com seus colegas as músicas que estavam aprendendo a tocar. Para que a comunicação ocorresse de forma efetiva, pedia aos alunos que deixassem seus microfones desligados e as câmeras ligadas durante as videochamadas. Isso foi limitador, mas gerou repercussões interessantes. Eu percebi, por exemplo, que essa poderia ser uma alternativa para que todos pudessem tocar simultaneamente, o que era algo inédito nas minhas aulas coletivas, pois no sistema presencial precisávamos nos revezar entre os dois pianos disponíveis na sala. Para isso, pedia que eles, com os microfones desligados, tocassem junto comigo algumas das músicas do repertório Suzuki, momento que eu aproveitava para induzir variações de agógica e dinâmica. Dessa forma, mesmo que eu não pudesse ouvi-los, eles continuavam me ouvindo e ouvindo a si próprios e conseguiam tocar junto comigo.

⁴ Disponível em: <<https://vibrantmusicteaching.com/>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

Outra experiência significativa vivenciada nessas aulas foram as atividades de criação coletiva. Partindo de estímulos extramusicais, tais como histórias em quadrinhos, filmes mudos ou fotografias, eu estimulava os alunos a explorarem em seus instrumentos sonoridades que representassem aquilo que eles viam ou sentiam. Nesse momento pedia que todos deixassem os microfones ligados. O resultado sonoro, às vezes caótico, mas sempre significativo, proporcionou, na minha perspectiva, uma rica experiência.

Considerações Finais

A transição repentina das aulas de piano para o sistema o remoto se mostrou bastante desafiadora, mesmo para mim que já tinha alguma experiência com as TDIC e tinha à minha disposição uma estrutura física favorável. Ter o Método Suzuki e, conseqüentemente, poder contar com o apoio dos pais e todo um sistema pedagógico consolidado, foi determinante para o êxito das aulas para crianças naquele momento. Apesar de todos os desafios enfrentados, as experiências com o ensino remoto foram positivas pois propiciaram: manutenção do vínculo com os alunos; maior engajamento e participação dos pais; continuidade do desenvolvimento musical dos alunos; autoavaliação sobre minhas práticas pedagógicas; experimentação de novas estratégias de ensino e materiais didáticos; promoção da autoconsciência e aprimoramento da performance musical tanto minha quanto dos alunos a partir do uso das TDIC; ricas oportunidades de aprendizado e interação com outros professores por meio de comunidades virtuais.

Após essa experiência, minha conclusão é que o formato presencial é o mais adequado para o ensino do piano para crianças. Porém, vejo que, ao sermos compelidos a migrar para o sistema remoto, as TDIC permitiram a continuidade do desenvolvimento dos alunos e desvelaram novas oportunidades de interação, aprendizado e compartilhamento musical.

Referências

FADEL, L. M.; ULBRICHT, V. R.; BATISTA, C. R.; VANZIN, T. (Orgs.) *Gamificação na educação*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014.

FERRARROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. *O método (auto)biográfico e a formação*. Trad. Maria Nóvoa. 2 ed. Natal: EDUFRRN, 2014. pp. 29-55.

FONSECA, B.; SANTIAGO, P. F. *Pianobrincando*. 2 ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Fino Traço: Editora da UFMG, 2021.

FRISON, Lourdes Maria B.; SIMÃO, Ana Margarida V. *Abordagem (auto)biográfica: narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos*. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, pp. 198-206, 2011.

GAINZA, Violeta H. *Palitos Chinos para la iniciación al piano*. Buenos Aires: Barry, 1987.

LAGE, Maria Helena; RIBEIRO, Angelita. *Amigos do Piano: pré-leitura*. Ilustrações de Maysa Zwarg. Fortaleza: Lumah, 2019.

MONTANARI, Eunice A. S. A. *Contribuição do Método Suzuki para a formação docente: uma narrativa autobiográfica*. 2019. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Roraima, Boa Vista, 2014.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias. *O método (auto)biográfico e a formação*. Trad. Maria Nóvoa. 2 ed. Natal: EDUFRRN, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Diretrizes sobre atividade física, comportamento sedentário e sono para crianças com menos de 5 anos de idade*. Trad. Edina Maria de Camargo e Ciro Romelio Rodriguez Añez. Genebra: World Health Organization, 2019.

SOUZA, Euridiana S.; ALVIM, Izabela C. P.; SILVA, Lais F. O espelho tem duas faces: pedagogia do piano, psicomotricidade e o papel do professor em tempos de gamificação sob diferentes perspectivas. IN: XXVI CONGRESSO da ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 26., 2016, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: ANPPOM, 2016.